

MANUAL DO PROFESSOR

O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas

Autoria

Daniela de Amorim Lopes (CEDAC)



fontanar

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA DANIELA DE AMORIM LOPES (CEDAC)

LIVRO

***O DIA EM QUE A MINHA VIDA MUDOU POR
CAUSA DE UM CHOCOLATE COMPRADO NAS
ILHAS MALDIVAS***

AUTORA

KEKA REIS

ILUSTRADOR

VIN VOGEL

CATEGORIA 1

**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS

**AUTOCONHECIMENTO, SENTIMENTOS E
EMOÇÕES; FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA**

GÊNERO LITERÁRIO

ROMANCE

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Adriana Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lopes, Daniela de Amorim

Manual do professor — O dia em que a minha vida
mudou por causa de um chocolate comprado nas Ilhas
Maldivas / Daniela de Amorim Lopes ; CEDAC. — Rio de
Janeiro : Fontanar, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-63277-88-6

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
- II. Reis, Keka. O dia em que a minha vida mudou por causa
de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas III. CEDAC

18-0953

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA FONTANAR LTDA.

Praça Floriano, 19 — Parte sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. A autora e a obra:** dados biográficos da autora e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidade interdisciplinar:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. A AUTORA E A OBRA

Angélica Gomes dos Reis Marcondes, a Keka Reis, nasceu em 1974, na cidade de São Paulo. Aos catorze anos, decidiu morar no interior, na fazenda dos seus avós, em Jaú, porque sentia que na capital os jovens não tinham muita liberdade, por causa da violência urbana.

Leitora voraz desde a infância, ela conta que da sua formação literária fizeram parte os volumes da coleção Vagalume e, entre muitos outros, destaca os livros *A droga da obediência*, de Pedro Bandeira — e as demais aventuras dos Karas, personagens desse autor —, *Pollyanna*, de Eleanor H. Potter, e *Helena*, de Machado de Assis.

Decidida a continuar morando no interior, prestou vestibular na Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde se formou em comunicação social, com habilitação em rádio e tv.

De volta à capital, trabalhou como roteirista de diversos programas de televisão, como *Descolados*, na MTV — emissora onde iniciou sua carreira nos anos 1990 —, as séries de animação *Hora do Rock*, no Gloob, e *Glitter Model*, no Disney Channel, entre outros. Muitas de suas obras foram selecionadas em editais, por meio dos quais ela conseguiu recursos para serem produzidas para o cinema e a televisão, como *Miss Dollar* (Edital TV Escola, 2012), *É a vovozinha* (Edital TV Brasil, 2010) e *Como casar com André Martins* (Net Lab TV, 2013).

Keka Reis acredita que as histórias têm o poder de ajudar os leitores, pois elas possibilitam que se identifiquem com o que está sendo contado. Por isso, sua intenção é escrever sobre temas não tão comuns na literatura e que fazem parte do cotidiano das pessoas. Foi o que ela procurou fazer em *O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas*, seu primeiro livro.

Com uma narrativa envolvente e divertida, neste livro, a escritora traz à

tona os sentimentos e conflitos daqueles que estão “no meio do caminho”, ou seja, já não são crianças, mas ainda não são adolescentes: os pré-adolescentes.

Os recursos literários utilizados por Keka cumprem o objetivo de transformar Mia, a protagonista, em uma amiga do leitor. No romance, narrado em primeira pessoa, a garota conta o que aconteceu num dia especial, um dia em que tudo mudou, como em geral acontece quando nos apaixonamos pela primeira vez e não entendemos muito bem o que está acontecendo. O leitor, agora um amigo com quem a protagonista divide suas inquietações, será apresentado à família dela, a seus professores, sua escola e seus amigos — e aos não tão amigos.

Na produção do livro, Keka contou com a parceria do ilustrador carioca Vin Vogel. Ele já ilustrou mais de cinquenta livros infantojuvenis e também escreveu a série americana *Yeti*. Os desenhos que ilustram a história de Mia revelam, algumas vezes, o sentimento das personagens.

Para saber mais sobre a autora, sugerimos a entrevista dada por Keka Reis ao Bondelê, canal de vídeos na internet que traz diversas entrevistas com escritoras. Nela, Keka fala de outros livros que também marcaram sua infância e adolescência. Disponível em: <<http://bit.ly/2JxrsAW>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

Sugerimos também o depoimento da escritora no programa *Encontros de Cinema* (disponível em: <<http://bit.ly/2sTNalg>>) e um vídeo portfólio com cenas de alguns programas em que ela trabalhou (disponível em: <<http://bit.ly/2JqJ19w>>; acessos em: 9 jun. 2018).

Se quiser saber mais sobre o trabalho de Vin Vogel, acesse seu site (em inglês). Disponível em: <<http://bit.ly/2HAceck>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

Uma narrativa ágil, envolvente e divertida: é isso que o jovem leitor encontrará no livro *O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas*.

O livro de Keka Reis é um romance, ou seja, é uma narrativa de ficção. Sua protagonista, Mia, está num dos momentos mais conturbados da vida, o fim da infância e o começo da adolescência. Bem nesse período de transição, chamado de pré-adolescência. Ela estuda no 6º ano do Ensino Fundamental e está cheia de dúvidas e sentimentos que não compreende muito bem, apenas sente, e com intensidade, como se pode perceber, por exemplo, no trecho: “[...] O choro ainda saía de dentro de mim, como se eu não fosse mais dona dos meus movimentos e vontades. Nunca tinha sentido nada parecido na vida” (p. 142). De Mia, o leitor também sabe que ela perdeu o pai quando tinha quatro anos, vive com a mãe, tem uma tia chamada Ucha e um amigo, Paulo Bereba, que é seu parceiro desde a época em que meninos e meninas não costumavam ser amigos.

O leitor tem acesso aos pensamentos e sentimentos de Mia, a narradora da história, durante um dia especial, em que ela se dá conta das mudanças que estão acontecendo em sua vida. Nesse dia, seu amigo Bereba lhe envia um bilhete acompanhado de um chocolate — não um chocolate qualquer, mas um especial —, e isso muda tudo: não só porque é uma espécie de declaração de amor, mas porque faz com que Mia se dê conta das mudanças inevitáveis que estão acontecendo em sua vida: seu corpo, seus sentimentos, a percepção sobre o mundo, seus relacionamentos...

É bem provável que os estudantes se identifiquem com o que Mia está passando, o que possibilita a reflexão e uma conversa sobre as impressões acerca dos acontecimentos apresentados na história e como eles se relacionam com as experiências de cada um deles.

A relação entre o texto e o leitor durante a leitura pode ser qualificada como dialética: o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais. (CAMPS; COLOMER, 2002, p. 31)

Não é só o tema da história, contudo, que faz com que valha a pena ler o livro. Além de se divertir e pensar sobre as questões emocionais e biológicas pelas quais pode estar passando, o jovem leitor terá também a oportunidade de ampliar seu conhecimento sobre os recursos de linguagem que podem ser usados para enriquecer um texto e torná-lo mais expressivo. Com isso, irá desenvolver mais sua capacidade leitora e escritora.

Um aspecto interessante a ser observado é o tempo da narrativa. A história se passa em um único dia de aula, e Mia experimenta seus acontecimentos como se a duração deles fosse determinada não pelo tempo cronológico, mas pelos sentimentos envolvidos, expressando sua vivência por meio de pensamentos incessantes, cheios de informações, que vão e voltam no tempo para explicar o que sente, relacionar episódios e elaborar respostas para as perguntas que ela mesma se faz. Nesse sentido, o recurso de transformar a última frase de um capítulo em título do capítulo seguinte, usado em grande parte do livro, parece um pequeno respiro, uma pausa que a personagem faz para tomar fôlego e seguir adiante.

Outro aspecto a ser analisado são as figuras de linguagem utilizadas pela autora, que fazem com que a fala de Mia seja muito fiel à dos jovens adolescentes, dando um tom aos pensamentos da narradora que oscila entre divertido, mal-humorado e comovente. Nas palavras de Colomer (2007), “A literatura em seu nível mais profundo permite apreciar as mais infinitas possibilidades de estruturar e reestruturar os recursos da linguagem a serviço da atividade comunicativa do discurso” (p. 32).

Constituirá um precioso desafio a possibilidade de se colocar no lugar

do outro. Uma vez que Mia narra em primeira pessoa, os estudantes terão de inferir os sentimentos de Bereba. Para isso, terão de observar as diferenças e as semelhanças na forma como meninos e meninas se posicionam diante de acontecimentos comuns aos dois gêneros, e colocar em pauta sentimentos, dúvidas e inseguranças e o modo como se relacionam com a família e os amigos.

A história tem momentos engraçados, tristes, comoventes... A obra permite uma análise literária em que se percebem os recursos utilizados para conseguir esses efeitos. Veja, por exemplo, estes trechos:

Em pouco tempo teria aula de história, intervalo, português, matemática, almoço e tarde de atividades extras [quem foi que teve essa ideia genial?]. [p. 17]

E eu, ainda enjoada, olhei para aquele pequeno pedaço de sonho marrom e comecei a chorar. Baixinho, para dentro, um choro que só eu sabia que era um choro. Mas era choro de verdade. De dentro da alma. Do fundo de um lugar que eu nem conhecia direito. [p. 28]

A mulher era a pessoa mais animada do universo. [p. 134]

Com base em trechos como esses, é possível perguntar aos estudantes: Que sensação esses fragmentos provocam no leitor? O que, no texto, é responsável pela criação de uma atmosfera comovente ou divertida? O uso de figuras de linguagem tem uma influência relevante na criação dessa atmosfera mais emotiva, engraçada, triste. Na história contada por Mia, a ironia — em que se diz o contrário do que se pensa, a fim de criar um efeito de humor ou de crítica — e a hipérbole — afirmação exagerada — aparecem com frequência.

Na escolha do foco narrativo em primeira pessoa, é possível perceber o cuidado da escritora em estabelecer uma relação de cumplicidade entre a narradora-protagonista e o leitor, possibilitando um diálogo direto entre eles. Explorar os recursos de que Keka Reis lança mão para tecer essa relação

é uma oportunidade de ampliar o conhecimento dos estudantes. O uso dos parênteses é um desses recursos, e pode-se perguntar à turma: Que usos um autor pode dar aos parênteses quando escreve um texto? Para que serve essa pontuação? E na fala da protagonista, que efeito tem esse sinal gráfico? Selecione alguns trechos para serem analisados como:

Como dizia meu pai (que saudade dele), “um assunto depois do outro”. (p. 39)

Sabe, a tal coisa de ser aceito era muito importante (introdução de uma conversa de trombeta com a minha mãe). O Paulo Bereba passava o recreio (ops, intervalo) inteiro procurando fotos de aracnídeos na internet. (p. 83)

O uso dos parênteses para dar breves explicações sobre o que está contando ou se corrigir, como se Mia precisasse atualizar o leitor acerca do que pensa, ou para compartilhar sentimentos mais íntimos colaboram para o fortalecimento de um vínculo afetivo entre a narradora e o leitor.

Devemos destacar ainda a importância dos conflitos ligados ao fim da infância, que são tão relevantes nessa obra. Em geral, adaptar-se à adolescência é um passo difícil de ser dado, ocorrem sentimentos confusos como o não se reconhecer no espelho, o luto pelo fim da infância, a nostalgia por essa época da vida e o inaugurar de um novo momento cheio de possibilidades. Os conflitos da entrada na adolescência são um tema que está colocado de maneira delicada e franca no enredo, o que deve proporcionar aos estudantes muitas oportunidades de se identificar com os sentimentos de Mia e, partindo delas, de compartilhar os próprios sentimentos, angústias e dúvidas.

Um grito que também vinha de um lugar desconhecido. Pensando bem, devem ter muitos lugares desconhecidos dentro de mim. (p. 50)

Mulher, mulher, eu juro que sou uma mulher ou quero ser algum dia. (p. 165)

O romance *O dia em que a minha vida mudou...* abre um espaço para a ampliação de conhecimentos acerca do texto e da vida. Dessa forma, garante ao estudante a possibilidade do:

[...] exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2017, p. 135.)

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O romance *O dia em que a minha vida mudou...* conta um dia na vida de uma aluna do 6º ano do Ensino Fundamental, como ela percebe a realidade que a cerca, como é difícil estar “no meio do caminho” entre a infância e a juventude. A adaptação é assunto dessa história: adaptar-se ao novo ciclo escolar — com tantos professores, livros e matérias —, ao novo corpo — que está passando por tantas transformações —, a novas formas de se relacionar — com a família, os amigos, as pessoas em geral —, às novas tecnologias — celular, aplicativos, redes sociais —, enfim, adaptar-se a uma nova etapa da vida.

Também por isso o romance escrito por Keka Reis poderá auxiliar o estudante a “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emo-

ções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BRASIL, 2017, p. 10).

A obra apresenta estética apurada, uma vez que os recursos linguísticos utilizados pela escritora cumprem o papel de tecer uma relação de proximidade e confiança entre o leitor e a protagonista. O tempo narrativo foi uma escolha perspicaz da autora no sentido de reproduzir a esfera emocional dos jovens dessa faixa etária, que ainda estão divididos entre os longos períodos da infância, na qual “um dia dura um ano”, e a agitação da adolescência, em que tudo parece acontecer tão rapidamente. Observar a fala de Mia, semelhante à de muitas jovens dessa idade, pode servir de partida para discutir a adequação da linguagem à situação comunicativa, ou seja, onde e quando é adequado empregar uma linguagem mais ou menos formal.

A escolha do gênero romance para essa etapa da escolarização possibilita ao estudante entrar em contato com personagens fictícias que vivem conflitos semelhantes aos do mundo real. Ele vai, ao longo da leitura, tomando simpatia pelas personagens e se sensibilizando com suas questões. A leitura e as conversas que nascem dela também servirão de apoio para que o jovem leitor transponha os sentimentos que desenvolveu em relação às personagens da história para o seu cotidiano e possa, assim, exercitar a empatia e o diálogo.

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Ler um texto é uma atividade que está para além do ato de decifrar o código. Ela compreende a interpretação do que está escrito. É fato que o autor, ao dar vida a personagens e situações, faz escolhas minuciosas na construção do texto: palavras, expressões, pontuação; quando e como apresentar as per-

sonagens; sob que olhar ele quer contar os fatos; que caminho percorrer para dar conta de uma progressão textual que fidelize o leitor até o último ponto final. Não podemos também esquecer que o sentido dado à história só é completamente realizado através do encontro com o leitor, pela maneira como interage com o enredo.

O funcionamento de um texto explica-se levando em consideração, além ou em lugar do momento gerativo, o papel desempenhado pelo destinatário na sua compreensão, atualização, interpretação, bem como o modo com que o próprio texto prevê essa participação. (ECO, 2015, p. 2.)

Caberá a você, professor, professora, preparar o estudante para esse encontro, ajudando-o a perceber os recursos dos quais a escritora lançou mão, intencionalmente, para conceber a história planejando pausas para promover discussões sobre aspectos importantes, sejam eles recursos linguísticos, sejam elementos da narrativa relevantes ao desenrolar dos acontecimentos.

Será preciso prever momentos de intercâmbio entre o professor e seus alunos, seja individualmente ou em grupo, sobre os textos que leram ou estão lendo, para saber o que interpretam e como resolvem os problemas de compreensão e também para poder ajudá-los e oferecer a eles formas de proceder mais adequadas, se for preciso. Assim, seria conveniente criar continuamente situações para falar do que se lê e de como se faz, mais do que dedicar horas e horas a simplesmente oralizar textos. (CAMPS; COLOMER, 2002, p. 69.)

É sempre um bom começo de leitura fazer uma análise coletiva da capa e do título da obra. No caso de *O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas*, falar sobre o título pode resultar numa discussão interessante: Por que é tão longo? Qual terá sido a intenção

da escritora ao escolher esse título? De que forma um chocolate pode mudar a vida de uma pessoa? O que será que esse chocolate tem de especial? O que é possível antecipar sobre o enredo a partir do título?

Observar a ilustração também traz elementos que ajudam os estudantes a antecipar alguns acontecimentos: Como são as personagens retratadas? Como estão vestidas? O que cada uma delas tem nas mãos? O que sua postura corporal nos diz? E a expressão facial, ela nos dá alguma dica sobre o estado emocional das personagens? Qual é a relação entre a ilustração da capa e o título?

Por ser mais experiente e já estar familiarizado com a obra, você poderá prever momentos de *leitura individual*, em que o estudante vai ter um encontro pessoal com a história, de modo que tenha a chance de sentir e compreender a narrativa a partir de suas experiências de vida. Para isso, é recomendável selecionar previamente os capítulos a serem lidos individualmente e planejar também quando essa leitura vai acontecer em casa e quando vai acontecer na sala de aula.

Além da leitura individual, é interessante promover atividades de *leitura compartilhada*, em que os estudantes tenham a chance de trocar, com os colegas e com você, as impressões acerca do que já foi lido, construindo um sentido para o discurso. Para além disso, será preciso elaborar perguntas que orientem o leitor no sentido de observar como a escritora utiliza a linguagem visando à construção de uma história que cativa o leitor.

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência do outro para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências acumuladas mútuas. (COLOMER, 2002, p. 143.)

No caso da história de Mia, observamos uma narração ágil, que remete ao ritmo dos pensamentos da garota, e uma linguagem em que identificamos o jeito de falar dos adolescentes de determinado grupo social, os de classe média, de centros urbanos.

Sugere-se observar com os estudantes os recursos que a autora emprega para garantir esse aspecto. O uso das figuras de linguagem é uma das justificativas, especialmente da ironia e da hipérbole, como dissemos anteriormente. Nesse momento, podem ser apresentados outros textos em que se observe o uso dessas figuras, para que o estudante perceba os efeitos que provocam. Nesse estudo, é interessante que registrem suas descobertas para que seja possível recorrer a elas no futuro.

A análise do foco narrativo também pode ser privilegiada. Destaque a narração em primeira pessoa, que estabelece um diálogo com o leitor, e que ela se dá do ponto de vista de Mia. Que implicações isso tem para a estrutura do texto? Qual a relação do foco narrativo com a escolha dos recursos literários utilizados?

Para que os estudantes percebam a importância da escolha do foco narrativo, pergunte à turma: Se fosse Bereba o narrador da história, o jeito de escrever da autora seria o mesmo? Por quê? O mural da sala pode ser usado para o compartilhamento de ideias sobre essa questão. Sugira a eles que registrem, numa folha fixada nesse espaço, frases, reflexões e reações que o menino poderia ter esboçado ao longo da história, como se desse sua versão dos acontecimentos. Para isso, defina alguns momentos-chave da história, em que os sentimentos do menino possam ser inferidos pelo jovem leitor. Por exemplo, retome o capítulo “E é claro que ele apareceu” (p. 137) e pergunte à turma como teria sido a reação de Bereba ao ver Mia tendo aula de zumba com a professora de Educação Física, do ponto de vista do menino.

Os recursos gráficos utilizados na composição do livro também devem ser destacados. Observe com os estudantes que algumas palavras são destacadas em letras maiúsculas e pergunte que efeitos isso causa no leitor. Eles usam esse recurso para dar ênfase a certas palavras? Em que tipo de texto eles usariam tal recurso?

Essa conversa pode se ampliar para a questão das situações comunicativas e a linguagem adequada a cada uma delas, se mais ou menos formal. Comparar os três gêneros textuais presentes no livro — a própria narrativa em primeira pessoa, as mensagens via celular que Mia pensa em escrever para Bereba (pp. 86-7) e a carta que a menina escreve à sua mãe (pp. 89-91) — é uma atividade potente para a análise da linguagem. No caso das mensagens via celular, a reflexão de Mia sobre como escrevê-las pode render uma boa conversa sobre as características desse texto. Observe também com a turma que, em alguns momentos, Mia organiza a narrativa em itens (por exemplo, no capítulo “O Bereba gostava de mim. Ponto final. E agora?”, p. 34) e discuta com os estudantes quais os efeitos do uso desse recurso.

Finalmente, também é viável que sejam propostas leituras em voz alta de trechos do romance não somente, ou especialmente, para que os estudantes exercitem a fluência nessa modalidade de leitura, mas para que aprimorem a forma como se comunicam oralmente, considerando seu interlocutor e a importância de se expressar com clareza, se fazendo ser entendido.

A leitura em voz alta tem de ser uma atividade presente na educação leitora, desde que não seja entendida simplesmente como a oralização de um texto. Ler em voz alta tem sentido quando considerada como uma situação de comunicação oral na qual alguém deseja transmitir o que um texto diz a um receptor determinado. É possível que seja necessário comunicar o resultado de uma busca de informações aos demais membros do grupo, que se queira proporcionar o prazer da realização sonora de um texto literário, ou que seja preciso comunicar algo simultaneamente a muitos receptores.

[CAMPS; COLOMER, 2002, p. 69.]

Você pode selecionar o capítulo que será lido por um ou mais estudantes e avisá-los previamente, de modo que se preparem para a atividade. Dessa for-

ma, poderão planejar a leitura e ensaiar, definindo a entonação e o ritmo que irão imprimir ao texto, de modo a garantir sua compreensão pelos ouvintes.

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o estudo de Língua Portuguesa deve possibilitar o desenvolvimento da competência:

[...] de envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 83.)

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

É sempre importante oferecer ao estudante instrumentos que colaborem para uma leitura mais sensível e crítica em relação tanto à estética da obra como ao tema nela abordado. Que o ponto de partida seja a experiência dele é uma boa estratégia para que a atividade seja mais significativa.

Assim, sugerimos que seja proposta uma roda de conversa, na qual os alunos compartilhem suas reflexões sobre a forma como se sentiam e se relacionavam no 3º ano do Ensino Fundamental (quando Mia e Bereba se tornam amigos) e como se sentem e se relacionam agora, no 6º ou no 7º ano do Ensino Fundamental. Algumas sugestões de perguntas que podem ajudar a problematizar os temas do livro:

- Como eram os relacionamentos no 3º ano do Ensino Fundamental e como são os relacionamentos agora?
- No 3º ano, quem tinha um melhor amigo do sexo oposto? E hoje? Por que será que as coisas mudam?
- Sobre o que conversavam antes? O que é diferente agora?
- E quanto aos sentimentos? Mudaram ou continuam iguais? Quem às vezes sente coisas que não sabe explicar? Que tipo de sentimentos são esses?
- A relação com sua mãe, seu pai ou com outros adultos responsáveis por você mudou? Como? Por quê?

Sobre o gênero do livro, você pode usar o mural da sala de aula para inaugurar uma espécie de fórum, pedindo que os estudantes escrevam, numa folha fixada nele, o que sabem (ou imaginam) sobre esse gênero literário: que tipo de personagens, cenários, narradores e conflitos podem aparecer nos romances. Após a leitura, esse fórum pode ser retomado.

Esse é também um bom momento para se ler com os estudantes o texto que abre o livro, dirigido à leitora e ao leitor, e reforçar o convite à leitura, destacando os aspectos que fazem da obra uma proposta literária interessante para eles.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Concluída a leitura, você poderá retomar a roda de conversa iniciada na pré-leitura sobre os conflitos e sentimentos dos jovens perguntando: Alguém se sente ou já se sentiu como a Mia? O que pensam sobre o que ela passou? Há diferenças entre a forma de pensar e sentir dos meninos e das meninas? Quais? Por quê?

Voltar ao registro que fizeram na pré-leitura acerca do gênero romance permitirá que os estudantes ampliem seu conhecimento sobre o gênero. Proponha uma discussão em torno da questão: Afinal, o romance é uma história

em que o tema é, necessariamente, o amor? Assim, eles terão a oportunidade de retomar o que escreveram antes de ler o livro, observar suas hipóteses, confirmando-as ou refutando-as, e registrar suas descobertas. Caso continue a trabalhar as características do romance ou sugira outras leituras de obras desse gênero, os estudantes vão poder voltar a esse registro e complementá-lo de acordo com os avanços em seu conhecimento.

Uma proposta de reescrita do texto com a mudança do narrador consiste em um bom desafio para os estudantes. Na reescrita, mantém-se o foco narrativo — narrador-personagem —, mas apresentam-se os acontecimentos do ponto de vista de Bereba. Essa escrita pode ser realizada em dupla ou em pequenos grupos, dependendo do tamanho da turma, e cada dupla ou grupo ficaria responsável por escrever um capítulo da história, levando em conta o que o menino estaria pensando e sentindo desde o café da manhã até a viagem com a mãe. Caso a atividade proposta no item 4 deste manual tenha sido realizada, de registrar no mural da sala as frases, os pensamentos e as reações de Bereba, recomende a utilização desses registros pelas duplas ou grupos. Depois de produzido o texto e revisado por cada dupla ou grupo, uma leitura coletiva dos textos por toda a turma poderia ajudar a garantir a continuidade e a coerência entre os capítulos. Ao final, os estudantes poderiam passar a limpo a história que criaram e circulá-la entre eles ou mesmo entre outras turmas da escola.

6. POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR

CIÊNCIAS NATURAIS

Segundo a BNCC, uma competência a ser desenvolvida na área de Ciências Naturais é:

Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza e às suas tecnologias. (BRASIL, 2017, p. 322.)

O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate comprado nas ilhas Maldivas é uma obra que privilegia conversas sobre as transformações que acontecem no corpo de meninos e meninas na pré-adolescência e na adolescência. Há vários trechos que podem servir de disparador para discussões sobre essa questão, como:

Eu sempre achei muito maluca essa conversa de ser amiga ou inimiga do espelho. Nunca entendi. Mas quando vi aquela pessoa disforme, nariz um pouco mais pra lá, sutiã enrugado e aquelas espinhas... eu entendi perfeitamente. (p. 56)

Você poderá promover, além das rodas de conversa, a leitura de textos científicos sobre a entrada na adolescência, que abordem essa fase tanto da perspectiva biológica como da psicológica, mostrando como essas duas esferas do desenvolvimento se relacionam. Esses textos podem auxiliar os estudantes a compreender seus sentimentos acerca das mudanças pelas quais estão passando.

Um tema que pode ser explorado, dessa perspectiva, são os padrões de beleza. O professor poder propor perguntas como: O que é ser bonito, afinal? Há apenas uma forma de beleza? Que tipos de corpos existem? Quantos tons de pele? Os meninos e as meninas sofrem o mesmo tipo de pressão da sociedade em relação à aparência? Um trecho que pode propiciar a discussão é este: “[...] apesar de ela ser a menina mais linda da escola, com o cabelo vermelho, comprido e enroladinho, apesar de ser alta, ter pele de Branca de Neve e ser filha da atriz que interpreta Tina Corrientes, ela era legal” (p. 44).

Essa é uma conversa necessária para os estudantes, que, nessa etapa da vida escolar, estão em sua maioria entrando na adolescência. Assim, eles terão a oportunidade de compartilhar seus sentimentos e ansiedades, mas também, e para além disso, de olhar para essas questões de maneira mais ampla e generosa, com a possibilidade de rever os estereótipos que acolhem como verdadeiros e, principalmente, de aceitar com mais tranquilidade seu corpo, sua aparência. Também poderão adquirir mais consciência da importância de cuidar de si e de sua saúde e entender que essa é uma fase confusa da vida, e que podem pedir ajuda aos amigos e aos adultos com os quais têm um laço de confiança. Especialmente, essas conversas irão fortalecê-los de modo que não sucumbam à pressão social e consigam também cuidar do próximo, respeitando-o integralmente e valorizando as atitudes acima da aparência.

Sobre a questão dos estereótipos de beleza, sugerimos o depoimento da modelo Cameron Russell, nas TED Talks: “A aparência não é tudo. Acredite em mim, sou uma modelo” [disponível em: <<http://bit.ly/2Jz0qYa>>; acesso em: 10 jun. 2018].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.
- CAMPS, Anna; COLOMER, Teresa. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2015.